

# 1

É, evidentemente, impossível ter a certeza do que está contido no peito de alguém, muito menos no nosso próprio ou no daqueles que conhecemos bem, talvez especialmente no dos que conhecemos melhor, mas, enquanto me detenho aqui, no nível superior da estação de King's Cross, de onde consigo observar o meu velho amigo Hosam Zowa a atravessar o átrio, sinto que estou a ver através dele, a percecioná-lo de um modo mais preciso do que nunca, como se durante todo este tempo, por estas duas décadas que nos conhecemos, a nossa amizade tivesse sido um estudo e agora, ironicamente, logo a seguir a termo-nos despedido, o seu retrato se estivesse a tornar nítido, por fim. E talvez este seja o curso natural dos acontecimentos, o facto de, quando uma amizade chega a um fim inexplicável ou se desvanece ou se dissolve simplesmente no nada, a mudança que sentimos nesse momento parecer inevitável, um destino que sempre esteve a aproximar-se, como alguém que caminha na nossa direção a partir de uma longa distância, e que apenas reconhecemos quando já é demasiado tarde para virarmos costas. Nunca ninguém esteve mais próximo do meu coração. Estou convencido de que, enquanto o vejo a embarcar no seu comboio para Paris, essa cidade onde os dois nos conhecemos, há tanto tempo e da forma mais improvável, ele carrega, precisamente no ponto onde as costelas se encontram, um fardo invisível, que, acredito, consigo discernir a esta distância.

Quando ele ainda vivia aqui, em Londres, dificilmente passava uma semana sem que fôssemos dar um passeio, por um parque ou ao longo da margem do rio. De vez em quando, envolvíamos-nos em debates, normalmente relacionados com uma qualquer questão literária obscura, discussões que, talvez como todas as discussões, escondiam discordâncias mais profundas. Por vezes, com grande pena minha, porque essa atitude sempre me desagradou, eu espetava o dedo indicador no peito dele e deixava a minha mão repousar ali por um breve instante, como se para manter estável o que quer que acreditasse ter lá depositado, e registava, mais uma vez, o padrão distinto das suas costelas, a forma estranha como os seus ossos sobressaíam, como se numa permanente expectativa de um ataque.

Ele não sabe que ainda aqui estou. Julga que parti, apressado, em direção àquele compromisso de um jantar, para o qual lhe disse que já estava atrasado. Não sei bem porque lhe menti.

— Com quem vais jantar? — perguntou-me.

— Ninguém que conheças — respondi.

Ele olhou-me como se os nossos caminhos já se tivessem separado e o presente fosse o passado, comigo parado na margem e com ele a bordo de um navio que está a zarpar para o futuro.

Consigno perceber que aquele peso no peito lhe projetou os ombros ligeiramente para trás, fazendo a sua anca inclinar-se para a frente, de modo a compensar e impedir que ele caísse, ao mínimo empurrão, de cara no solo. E, ainda assim, a esta distância, ele parece, de facto, um homem imbuído de ação, que avança, determinado a entrar na sua nova vida.

Estes últimos anos, desde 2011, desde a Revolução Líbia e de tudo o que se seguiu — os inúmeros falhanços e as oportunidades perdidas, os raptos e assassinatos, a guerra civil, os bairros inteiros devastados, o governo das milícias —, mudaram o Hosam. Havia evidências disso na sua postura, mas também nas feições: o ligeiro tremor das mãos, perceptível sempre que ele levava um cigarro à boca, a dúvida em redor dos olhos, o clima cauteloso neles, e uma face que se assemelhava a uma paisagem exposta a condições meteorológicas adversas.

Pouco tempo após o início da revolução, ele voltou para casa e, talvez naturalmente, cavou-se uma distância entre nós. Nas raras ocasiões em que ele visitava Londres, estávamos à vontade na companhia um do outro, mas, de alguma forma, menos confiantes. Estou certo de que ele também sentiu esta mudança. Em algumas ocasiões, ele ficava em minha casa, dormindo no sofá do meu estúdio, partilhando o mesmo quarto, onde podíamos conversar às escuras até um de nós adormecer. Mas, a maior parte das vezes, ele reservava um quarto num pequeno hotel em Paddington. Encontrávamo-nos lá, e o bairro, disposto em volta da estação ferroviária, que confere às ruas circundantes um ar de transitoriedade, fazia-nos sentir a ambos como visitantes e acentuava a sensação de que a nossa amizade se tornara uma réplica do que havia sido em tempos, quando ele aqui residia e dividíamos a cidade do mesmo modo que os trabalhadores honestos partilham as ferramentas. Mas agora, quando ele falava, desviava com frequência o olhar, dando a impressão de que estava a pensar em voz alta ou envolvido numa conversa com ele mesmo. E quando eu lhe estava a contar uma história, dava por mim a inclinar-me um pouco para a frente e apercebia-me de um tom quase rabugento na minha voz, como se o estivesse a tentar convencer de uma proposta inverosímil. Ninguém tem mais capacidade para falsidades ou necessidade delas do que aqueles que desejam nunca se separar.

## 2

Ontem à noite, o Hosam chegou de Bengasi. Ficámos acordados a conversar até de madrugada. Ele dormiu no sofá e só acordou ao início da tarde. Tivemos de sair logo para a estação de St. Pancras, onde ele ia apanhar o comboio para Paris, para lá passar duas noites e depois apanhar um voo para São Francisco. Londres era o lugar onde ele tinha vivido. «Preciso de te ver», dizia a mensagem de texto que ele enviou de Bengasi, «antes de partir para o “eternamente para sempre”.» Paris havia sido onde, vinte e um anos antes, quando era apenas suficientemente jovem para sustentar a fantasia da autoinvenção, ele vivera por um breve período. «Quero vê-la uma última vez.» Disse-o ontem, quando estávamos a entrar no meu apartamento.

Eu tinha ido buscá-lo ao aeroporto e, durante todo o caminho até casa, no metropolitano desde o aeroporto de Heathrow até Shepherd's Bush, ele foi a falar em inglês de muito pouco para além da sua nova vida na América. Não disse nada sobre os últimos cinco anos que passara na Líbia, quando era tudo o que eu tinha esperanças de ouvir.

— É uma loucura. Estou tão surpreendido como tu. Ou seja, planejar uma vida indefinidamente num país onde nunca fui, numa casa que nunca vi, que o meu pai comprou num impulso, durante uma viagem de trabalho, quando era jovem, muito antes de eu ter nascido. E agora, tenciono criar lá a minha filha, na América. — Após uma pequena pausa, durante a qual o comboio entrou no túnel como uma bala, ele disse: — Pobre homem — referindo-se ao seu pai falecido.

À medida que as estações iam passando e as portas se abriam e fechavam e havia passageiros a saírem e outros novos a embarcarem, ele contou-me o que já me tinha relatado antes sobre o modo como o pai se apaixonara pelo Norte da Califórnia.

— Ele planeava lá ir todos os verões, para acabar por ser totalmente impedido de viajar e para o resto da vida.

Neste ponto, ele riu-se e eu senti-me na obrigação de o imitar.

Havia agora uma família jovem sentada do lado oposto do corredor. O homem era negro e bem-parecido, com um leve ar de desafio no olhar. A mulher era branca e loura, falando praticamente em sussurros com o filho que tinha ao seu lado. O rapaz parecia ter cerca de nove anos, tinha uma bola de cabelo encaracolado com o dobro do tamanho da sua cabeça e capturava a luz em tonalidades de castanho e dourado. A mãe passava-lhe ocasionalmente os dedos pelo cabelo. Ele estava de pé, voltado para nós, com a mão apoiada nos joelhos de cada um dos pais. Oscilava um pouco, à medida que o comboio se ia deslocando. Havia algo de ligeiramente performativo neles. Sabiam que eram uma família bonita. Os três deixavam os olhos repousarem em nós e pareciam estar a prestar atenção ao que o Hosam estava a dizer. Ele tinha este efeito nas pessoas com frequência.

— Consegues imaginar? — proseguiu ele. — Uma casa comprada por impulso, para depois viver o resto da vida sem a poder ver? Mesmo nos momentos mais difíceis, ele recusou-se a arrendá-la. Até Point Reyes — era a cidade mais próxima — se tornou alegórica, um sinónimo do que estava perdido e era impossível, a Atlântida da minha família.

Subimos para o nível da rua e a carruagem ficou repleta de luz. A família bonita observava de relance a vista que passava do lado de fora da janela atrás de nós.

Depois de ter expedido todos os seus pertences para a Califórnia, o Hosam viajava com pouca bagagem. Eu reconheci a mala velha. Pequena, azul e gasta. Era a mesma que ele utilizara quando se mudou para cá, de Paris, e mais tarde, quando ia nadar com a Claire, a sua namorada, no rio Dart, em Devon, como ambos gostavam de fazer de vez em quando. Ver aquele objeto familiar levou-me a sen-

tir saudades daqueles tempos em que o Hosam vivia em Londres e durante bastante tempo no apartamento por baixo do meu, que ocupava todo o rés do chão da casa geminada, com um jardim não cuidado nas traseiras. O meu quarto ficava diretamente por cima da sala de estar deles, e muitas noites adormeci a ouvir o murmurar suave das vozes dele e da Claire.

As coisas tinham acontecido naturalmente. O Hosam voltara para Londres e o apartamento por baixo do meu estava disponível. A princípio, ele hesitara e eu sabia que não devia insistir. A renda baixa convenceu-o. Um pouco depois, a Claire mudou-se para lá. Era irlandesa, amável, inteligente e com uma perspicácia que deixava claro que não tínhamos de nos preocupar com ela, que a última coisa que ela queria era que nos preocupássemos. Lembro-me de, uma vez, estarmos à espera dela num café e de ela estar atrasada. O Hosam não parava de olhar para o telemóvel. Perguntei-lhe se estava preocupado. Pareceu verdadeiramente estupefacto.

— Preocupado? — disse ele. — Eu nunca me preocupo com a Claire — tinham-se conhecido no Trinity College, em Dublin, onde o Hosam estava a estudar Inglês e a Claire, História. Ela gostava de nos recordar que também era uma exilada ali.

— Mas eu digo-te — continuava o Hosam, agora num tom mais privado, inclinando-se mais para mim, mas continuando a falar em inglês —, nestas últimas semanas, em que temos andado a embalar e a organizar tudo para a mudança, o meu pai, que Deus tenha piedade da alma dele, não me tem saído da cabeça. Sei que parece uma loucura, mas estou convencido de que ele sabia que este momento iria chegar, que esta ovelha negra, o filho que, conforme ele dissera à minha mãe, estava destinado a alcançar grandes feitos ou a ser um falhanço total, um dia, poderia virar costas a tudo e partir para a América, o país de onde as pessoas nunca regressam.

Chegámos à nossa estação e, ao caminhar em direcção ao endereço onde em tempos residira, ele ia comentando algumas das alterações que haviam ocorrido desde a última vez que estivera de visita: a antiga padaria que tinha sido substituída por um supermercado, as tentativas de melhoramentos de Shepherd's Bush Green — aquele

enorme triângulo de relva que sempre esteve rodeado de trânsito por todos os lados.

Ele emudeceu quando chegámos à rua familiar, com uma fila de casas de ambos os lados. Eu fui rápido a pegar nas chaves, sempre fui, e em todos os anos em que vivo aqui, nunca fiquei trancado fora de casa, nem por uma única vez perdi as chaves nem a carteira. Ali estavam as partes comuns inalteradas, com a correspondência espalhada no tapete coçado, as luzes que se apagavam antes de chegarmos ao patamar de cima.

— Mas Paris — disse ele subitamente, enquanto estávamos a subir as escadas —, isso é pura nostalgia.

Deixou a mala de viagem na cozinha e foi diretamente para o quarto de banho, deixando a porta escancarada. Ensaboou as mãos e o rosto, continuando a falar dos seus planos, de como queria percorrer a pé todas as ruas familiares, visitar o Jardin Sauvage Saint-Vincent, onde me levava uma vez. E, à medida que a noite ia avançando, uma nova expressão invadiu-lhe o rosto. Sentado na minha cozinha, com a sua pequena mala ao lado, parecia não estar apenas sentado ao lado dos seus pertences, mas de um dos lados do seu coração, suportando as distâncias entre a Líbia e a América, entre a sua vida anterior e a futura. Talvez agora que se encontrava em Londres, um lugar intermédio, e se ouvia a si mesmo a relatar-me os planos que tinha e que, sem dúvida, sentira a minha falta de entusiasmo, a verdadeira natureza daquilo em que estava a embarcar lhe parecesse subitamente exposta: a fantasia de poder ir para a América como se fosse para um outro planeta e nenhum dos fantasmas antigos o pudesse seguir. Era óbvio que este circuito pelas suas duas antigas cidades era, em parte, motivado pelo fim da vida que em tempos apreciara, antes de tudo mudar, antes que o vento líbio que nos atirara para o norte voltasse para arrastar os seus filhos para casa.

— Nós estamos numa maré — dissera ele naqueles dias apaixonados da Primavera Árabe, quando estava a tentar convencer-me a voltar com ele para Bengasi. — Numa maré e de uma maré. E seria tão disparatado pensar que estamos livres da história como da gravidade.